

O papel faz a diferença

Rosângela Borges Lima
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo:

Este trabalho trata de algumas diferenças entre dois tipos de mensagens orais veiculadas pelo falante diante do público: mensagens improvisadas, em confronto com mensagens preparadas, e suas diferenças nos campos verbal e não-verbal.

Abstract

This paper points out some differences between two types of oral messages delivered by a speaker in a public situation: non-planned messages against planned ones, and their verbal field differences versus non-verbal ones.

1. A TORTURA DO ORADOR

“O cérebro humano é algo maravilhoso. Funciona desde quando se nasce até a primeira vez que a gente se levanta para fazer um discurso.” (Howard Goshorn)

Tremedeira, suor frio, desejo de desaparecer, falhas de memória são alguns dos sintomas de um mal que acomete a maioria das pessoas: o medo de falar em público. O grande responsável pela sensação de tortura que aprisiona o orador parece ser o medo do ridículo, medo de errar diante do público; medo que acaba por gerar inibição, timidez e nervosismo. E, assim, as palavras não saem, as mãos se tornam um problema, o rosto ruborizado não consegue esconder a guerra interior.

“O estômago parece trepidar. A respiração acelera. A voz falha. Palavras mesmo as mais simples ficam difíceis de sair. Medo do público “é o problema com que defronta virtualmente todo orador — principiante e profissional. Recentemente, indagou-se de três norte-americanos: “De que você tem mais medo?” Sua resposta mais freqüente: “Falar perante um grupo” foi citada mais vezes do que problemas financeiros, doença, até morte.” (FLETCHER, 1983).

Segundo o professor de Expressão da Voz, Eládio Pérez-Gonzales, que “já deu aula para artistas famosos como Beatriz Segal, Malu Mader, Eva Vilma, Elizete Cardoso, Paulo Autran e Nara Leão”, as pessoas

... “não gostam da imagem que passam, estão sempre criando expectativas sobre elas próprias, daí a decepção quando não conseguem corresponder ao que esperam.” (LIRA, 1991).

A psicanalista Helena Heronville, diretora do Instituto de Estudos Psicanalíticos, argumenta:

“No fundo, a preocupação não é apenas consigo, mas especialmente com os outros. (...) O que muitas pessoas buscam é aprovação dos outros (...).” (Idem).

E, nas palavras de Otávio Cardoso, professor de Interpretação Dramática e Técnicas da Voz, do TU. (Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais), essa

“grande expectativa torna-se uma busca incessante da perfeição, fato que aprisiona muita gente (...).” (Idem).

Inúmeras são as técnicas e exercícios apropriados para aqueles que se propõem enfrentar o próprio medo, o nervosismo e se desafiam a falar para um público. A esses, professores e autores de obras diversas aconselham:

“De maneira geral, podemos dizer que a mímica defeituosa como, por outro lado, o tom de voz insatisfatório — está ligada ao estado nervoso decorrente de falar em público. Vencer esse nervosismo instintivo já é mais do que meio caminho andado no sentido da mímica expressiva e boa.” (CÂMARA, 1972)“... O orador realmente digno desse nome é senhor de suas emoções, e, por tanto, de sua palavra. A tranqüila e serena mente do orador escolhe as palavras mais adequadas à construção da frase, de modo que exprima com a maior clareza e precisão pensamentos e emoções, e diga tudo quanto deve, e não mais do que deve dizer, segundo as circunstâncias de lugar e de tempo. Tal operação mental é tão rápida como o fulgor elétrico; o auditório subjugado pela palavra fácil, pela cadência e harmonia dos períodos e a concisa elegância da frase, mal percebe o interno trabalho de seleção e de ordenamento que a mente realiza enquanto fala.” (SUCUPIRA FILHO, s. d.).

Dominar o nervosismo diante do público — que, às vezes, chega ao pânico — é uma tarefa quase impossível para nós, profissionais da palavra ou meros usuários da língua, muitas vezes solicitados a falar para um grupo. Sentimo-nos, quase sempre, injustiçados por não termos sido dotados da eloquência digna de um Cícero, um Rui Barbosa.

É necessário, no entanto, lembrar que o nervosismo, que pode nos derrubar diante do público, pode passar a ser nosso aliado: em si,

“...o estado nervoso é natural e até benéfico. Decorre de uma tensão geral do organismo, e é estimulante. É devido a ele que diante de um auditório nos sentimos mais inspirados do que entre as quatro paredes de um gabinete de trabalho, e dizemos, muitas vezes, bem o que tínhamos forçado em vão para lançar satisfatoriamente no papel.”
(CÂMARA JR., 1972).

Com prejuízos ou benefícios, o nervosismo se reflete na linguagem verbal e não-verbal do orador. Se o discurso proferido é improvisado, ele se denuncia como tal por diferentes traços; se é elaborado com antecedência e lido diante do público, seus traços já serão outros, específicos. É o que veremos a seguir, a partir de uma experiência realizada por um professor com um grupo de alunos.

2. A EXPERIÊNCIA

Terça-feira, 09 de setembro de 1992. Início do semestre letivo na Universidade Federal de Minas Gerais.¹ A sala 3061 da Faculdade de Letras está repleta de alunos, que conversam animados, aguardando o início das aulas.

Entra o professor, com gravador e microfone nas mãos. Cumprimenta a classe, prepara a gravação e pede que cada aluno se apresente e dê informações sobre si aos colegas. Os jovens, que, até a entrada do gravador, falavam e riam descontraídos, em pequenos grupos, agora ficam sérios e mudos. Cada um sente diante de si a ameaça do público, do microfone e do gravador.

A tecla REC é acionada e os alunos vão apresentando depoimentos; uns mais, outros menos tensos, tímidos, agitados, nervosos.

— A) *“Meu nome é Mayra. Tenho vinte e dois anos. Eh... Escolhi Letras porque eu gosto também; adoro, adoro dar aulas, né? Já leciono, lectionei. Esse ano eu não estou lecionando. Há quatro anos atrás eu dei aula para o terceiro período. Mexo com alfabetização. Bom... estou praticamente despedindo da escola, né? Se Deus quiser, ano que vem, oh...”* (gesto de despedida).

— B) *“Eh... meu nome é Lília. Eu nasci em Bocaiúva, Norte de Minas, a terra do Patrus.”* (risos) *“Tô no 2º período e... eu escolhi Letras porque pretendo fazer Comunicação depois e eu acho... eh... interessante ter dois cursos juntos. Por enquanto, eu tô gostando do curso.”*

Em seguida, o professor propõe à turma o registro escrito das mesmas informações que haviam apresentado oralmente.

Executada a tarefa, cada um voltou ao microfone para ler o seu texto.

Quanta diferença!

— C) *“Eu me chamo Mayra, tenho vinte e dois anos. Nasci na cidade de Belo Horizonte. Estudei até a 4ª série na Escola Estadual Kennedy; da 5ª ao 3º ano de magistério, estudei no Colégio Batista Mineiro. Atualmente, estou fazendo o curso de Letras porque sempre gostei de Português e de escrever peças. Apesar de não estar lecionando este ano, tenho quatro anos de prática educacional. Trabalhei com crianças do pré-escolar, terceiro período, alfabetizando-as. Adoro dar aulas! Essa tarefa me preenche, me satisfaz e talvez seja esse o motivo principal para que eu esteja aqui me aperfeiçoando para desenvolver de modo mais eficaz o meu trabalho.”*

— D) *“Eu me chamo Lília Virgínia Dias Praes; nasci em Bocaiúva, uma cidadezinha ao Norte das Gerais, onde estudei desde o pré-escolar ao segundo grau. Escolhi Letras para conciliar com o curso de Comunicação Social, que pretendo iniciar. Acho interessante o jornalista ser graduado em Letras, pois acredito ser a deficiência no ato de escrever um dos maiores problemas da classe. Creio que as duas profissões estão intrinsecamente ligadas, e acho que as duas, em conjunto, podem me possibilitar um maior êxito profissional, embora tenha consciência de encontrar pela frente um saturado e desgastado mercado de trabalho. Quando me formar em Letras, não pretendo lecionar. Atualmente faço um estágio na Secretaria da Educação.”*

A etapa seguinte consistiu na audição atenta das vozes gravadas, buscando-se levantar as diferenças entre os pares de textos orais de cada aluno. Ao primeiro tipo (aqui A e B) chamou-se de Texto Oral Improvisado (TOI); ao segundo (aqui C e D), de Texto Oral Preparado (TOP). O (TOI) é aquele criado no momento em que é proferido. O (TOP) é o resultado de preparação, é o texto lido — ou seja: é o texto oral precedido do escrito.

A experiência feita leva-nos a observações interessantes a respeito da oralidade que envolve um falante e um público ouvinte.

A produção dos textos orais feita por amadores (diferente da realizada, por exemplo, por atores, por oradores profissionais) apresenta traços dignos de nota, tais como: o (*TOI*) é marcado por maior expressividade, determinada pelo envolvimento emocional do orador com a mensagem e com o ouvinte; já a leitura gera oralidade artificial, com baixo índice de expressividade, o qual é resultado do distanciamento entre o leitor (orador), texto e ouvinte. Talvez possamos entender melhor esse maior ou menor distanciamento do orador com o texto, se nos lembrarmos de que o envolvimento do sujeito com seu texto dá-se mais acentuadamente no ato da criação desse texto. O *TOI* é elaborado no momento em que é proferido. A emoção da criação está aí presente. Já no *TOP*, essa emoção dá-se em momento anterior à sua divulgação. Ao construí-lo no papel, o autor com ele se envolve; ao traduzi-lo para o oralidade, dele se distancia: não é mais o autor das idéias que se mostra, mas o autor da representação oral do texto. O *TOI* tem um único autor, o *TOP* tem dois. Daí, possivelmente, todas as diferenças que são tratadas a seguir.

3. DIFERENÇAS NO PLANO DAS IDEIAS

No *TOI*, encontram-se informações destinadas ao interlocutor presente, real, tangível: A -“*Pensaram que eu não ia dizer, né?*” “*Se Deus quiser, o ano que vem, oh...*” (gesto de despedida). O gesto, no momento da realização da fala, foi perfeitamente interpretado pelos ouvintes. Já na gravação, o sentido da frase ficou prejudicado. “*Eu nasci em Bocaiúva, norte de Minas, a terra do Patrus*” (risos). A referência a Patrus Ananias aproxima os interlocutores no ato da comunicação provocando risos (no caso, sinal de afetividade, amizade) uma vez que tal pessoa na época era candidato à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, e — por sua tendência esquerdista — contava com a simpatia dos estudantes universitários.² Uma outra marca da aproximação entre o falante e seus ouvintes aqui está no emprego do artigo precedendo nome próprio (“*a terra do Patrus*”), fato lingüístico que, em Belo Horizonte, conota intimidade, familiaridade. O *TOI* se apóia em outra fala anterior, à medida em que o orador diz: *Eh... Escolho Letras porque eu gosto também (...).*” A seqüência dos acontecimentos permitiu à aluna se juntar a um falante que dera seu depoimento em momento anterior, o que justifica esse “*também*”.

Por não contar com a presença do interlocutor real, concreto, no *TOP* o autor vê-se obrigado a apresentar detalhes, que garantiriam uma melhor compreensão dos dados fornecidos. É assim, então, que o *TOP* apresenta maior riqueza de informações. Basta, no nosso caso, comparar as dimensões gráficas dos textos: os do tipo *TOP* são bem maiores do que os *TOIs*. Nos *TOPs* aparecem detalhes, como: dados mais completos do orador (sobrenome em *D* e informações sobre a formação escolar em *C*), algumas opiniões em *D*.

(“Acho interessante o jornalista ser graduado em Letras, pois acredito ser a deficiência no ato de escrever um dos maiores problemas da classe. Creio que as duas profissões estão intrinsecamente ligadas e acho que as duas, em conjunto, podem me possibilitar um maior êxito profissional...”).

Em conseqüência desses traços característicos de caráter mais geral e, ainda, do conjunto dos que serão detalhados a seguir, pode-se concluir que o *TOI* tem um tom de confiança, numa interlocução mais íntima, ao passo que o *TOP* se constrói num tom mais impessoal.

4. DIFERENÇAS NO PLANO DA ESTRUTURAÇÃO

No *TOI* as informações possuem sintaxe simplificada, com frases curtas, entrecortadas, período simples, orações absolutas. Já no *TOP*, para maior clareza e eficácia, as frases apresentam-se com sintaxe mais complexa, com períodos compostos, orações subordinadas. Comparem-se:

“Já leciono; lectionei. Esse ano eu não tô lecionando” (A — TOI) X “Apesar de não estar lecionando este ano, tenho quatro anos de prática educacional” (C — TOP).

“Eu nasci em Bocaiúva, norte de Minas, a terra do Patrus” (B — TOI) X “... nasci em Bocaiúva, uma cidadezinha ao Norte das Minas Gerais, onde estudei desde o pré-escolar ao segundo grau.” (D — TOP).

Observe-se ainda o emprego da oração reduzida no *TOP* — *D*: *“... acredito ser a deficiência no ato de escrever um dos maiores problemas da classe.”* No *TOI* há a presença de expressão de sentido obscuro em virtude da incompletude da idéia. Essa ganha clareza, quando inscrita no *TOP*. Vejamos:

“Escolhi Letras porque eu gosto também; adoro, adoro dar aulas, né?” (A — TOI) X “Atualmente estou fazendo o curso de Letras porque sempre gostei de Português e escrever peças” (C — TOP).

Apesar do defeito de redação³ presente na falta de paralelismo sintático entre os sintagmas que formam o complemento do verbo gostar, o trecho do *TOP* é mais claro que o *TOI* (“*eu gosto*” — de quê?). Outro exemplo de obscuridade de sentido é a incompletude da idéia: a que nível escolar o orador se refere ao dizer: “*eu dei aula para o terceiro período.*” (A — *TOI*)? Essa dúvida é esclarecida no C — *TOP*: “*Trabalhei com crianças do pré-escolar, terceiro período, alfabetizando.*” É interessante notar, nesse último par de frases-exemplo, que o orador — falando de improviso — considera como do conhecimento comum informações do tipo: se sou aluna de Letras, só posso dar aulas para níveis inferiores ao 3º grau. Entre os cursos da pré-escola há os designados 1º, 2º, e 3º períodos. Logo, se eu disser “... *dei aula para o terceiro período*”, todos sabem de que nível escolar estou falando.

A redução é um traço característico do *TOI*, tanto no nível da frase, conforme vimos acima, quanto no nível da palavra, como em “*né?*”, “*tô*” (A, C *TOI*).

Também no campo lexical, notamos o emprego de vocábulos mais corriqueiros no *TOI* em contraste com maior observância à norma culta padrão do *TOP* “*Meu nome é Mayra*” (A - *TOI*) X “*Eu me chamo Mayra* (C - *TOP*); “*Meu nome é Lília*” B - *TOI*) X “*Eu me chamo Lília Virgínia Dias Praes*” (D - *TOP*). Note-se, nessa última frase, a presença do pronome átono, que, em Minas Gerais, costuma não aparecer na fala usual das pessoas.

Outros exemplos de vocábulos comuns em oposição aos mais elaborados:

“Mexo com alfabetização” (TOI) X ...tenho quatro anos de prática educacional. Trabalhei com crianças do pré-escolar, terceiro período, alfabetizando” (C — TOP). “... e eu acho...eh...interessante ter os dois cursos juntos.” (B TOI) X “... as duas profissões estão intrinsecamente ligadas e acho que as duas, em conjunto, podem me possibilitar um maior êxito profissional, embora tenha consciência de encontrar pela frente um saturado e desgastado mercado de trabalho” (D — TOP).

A ausência do pronome átono pode ser vista na fala de Mayra quando ela afirma: “*Bom...estou praticamente (me) despedindo da escola*” (TOI).

Nota-se também, como traço distintivo de oralidade improvisada em contraste com a preparada, o fato de a primeira delas ser mais reticente, o que se percebe não só nas expressões de sentido obscuro como as mencionadas acima, mas no emprego de interjeições e suspensão temporária do pensamento.

“*Eh... Pensaram que eu não ia dizer, né? Eh...*” “*...adoro dar aulas, né?*” “*Bom...escola, né? Se Deus quiser, o ano que vem, oh...*” (A — TOI) “*Eh...Meu nome é Lília*” Tó no segundo período e ...(...) e eu acho... eh... interessante(...)” (B — TOI).

5. DIFERENÇA NO PLANO INTERMEDIÁRIO ENTRE O LINGÜÍSTICO E O NÃO-LINGÜÍSTICO: PLANO AUDITIVO

Em oposição à interrupção constante do ritmo da frase, a que fizemos menção acima, nota-se no *TOP* maior fluência e segurança. O depoimento improvisado é mais lento, titubeante, descontínuo, com intervalos grandes entre os segmentos, tudo isso em função de uma busca de maior tempo para organização das idéias. A voz, no *TOI*, em geral transmite tensão, daí apresentar-se em tom mais baixo e variado. Já no discurso preparado, o ritmo é mais acelerado, pois a leitura é automática, contínua, geralmente num tom único que gera monotonia — no sentido denotativo e conotativo). Percebe-se ainda que, no *TOP*, a altura da voz é superior à do *TOI*. Cumpre, também, destacar que, se por um lado o papel dá ao orador segurança e equilíbrio, por outro lado pode prejudicá-lo, se ele não for um leitor atento: é que a obediência às regras de pontuação pode levar à artificialidade da fala, uma vez que os sinais gráficos da pontuação são em geral determinados por regras gramaticais convencionais que, muitas vezes, têm pouco a ver com as pausas necessárias ou desnecessárias da fala.

6. DIFERENÇA NO PLANO EXTRALINGÜÍSTICO: PLANO VISUAL

A linguagem verbal e a não-verbal ocorrem intrinsecamente ligadas entre si, são tecidas em conjunto: ao fazer qualquer comunicação oral, as pessoas expressam (ou escondem) mensagens

através das mãos, dos olhos, do rosto, do corpo... Nos textos que tomamos como exemplo, observamos o estreito vínculo entre o verbal e não-verbal, quando a aluna Mayra diz: “*Se Deus quiser, o ano que vem, oh...*” Aqui, o gesto de despedida completa a frase.

A linguagem não-verbal é tão importante na comunicação quanto a verbal. Ray Birdwhistell, pioneiro no estudo da cinética, garante, a partir de suas pesquisas, que a “*grande parte da verdadeira comunicação humana se passa num nível abaixo da consciência, nível em que a relevância das palavras é apenas indireta*”. Birdwhistell chega a afirmar que:

“*Somente uns 35% do significado social de qualquer conversa corresponde às palavras pronunciadas*”. (DAVIS, 1979).

Não temos, no momento, formas e instrumentos capazes de comprovar essa conclusão de Birdwhistell, mas isso não nos impede de reconhecer a relevância da mensagem não-verbal veiculada em complemento à verbal. É assim que, na experiência de que estamos tratando nesse artigo, pudemos observar que, no discurso oral improvisado, geralmente os gestos são mais largos e enfáticos; as mãos e braços se movimentam, fazem desenhos no ar, o tronco gira; o rosto — muitas vezes ruborizado — demonstra tensão, com expressão facial freqüentemente carregada; o olhar vagueia pelo ambiente, ou busca apoio no olhar amigo de quem se mostra solidário, ou fixa-se em um ponto neutro da sala.

Por sua vez, no discurso oral preparado, normalmente os gestos são comedidos; as mãos, segurando o papel, adquirem uma certa prisão; a postura é mais estática; o rosto fica quase sempre impassível, com expressão facial séria, demonstrando um não-envolvimento emocional com a mensagem transmitida; o olhar, dirigido para o papel, fixa neste a atenção, criando nos ouvintes a impressão de que o mundo não conta para o orador, que se isola, com a mente concentrada no texto que ele lê.

7. CONCLUSÃO

A experiência realizada com alunos do curso de Português, num dado momento da história da Faculdade de Letras da UFMG, apesar de não contar com o auxílio de aparelhagens da sofisticada tecnologia moderna, à exceção do gravador, apresentou resultados

que julgamos confiáveis, pois estes se repetem permanentemente no grande laboratório da nossa convivência em comunidades linguísticas.

Refletindo sobre tais resultados, podemos deles tirar proveito, buscando, por exemplo, mais eficácia com o nosso discurso. Isso não significa que estejamos querendo transformar esse texto num manual didático para futuros oradores, mesmo porque já existem cursos específicos para desenvolver a habilidade da oratória, bem como bibliografia destinada a tal fim, como a que listamos ao final desse artigo.

Desejamos, aqui, apenas alertar o leitor para o seguinte: a leitura das páginas precedentes leva-nos a perceber as qualidades e defeitos dos dois tipos de textos orais estudados. Um começo de exercício para aperfeiçoamento da produção de textos orais pode estar no cruzamento das qualidades dos dois tipos de textos. Deixemos para o leitor essa tarefa...

NOTAS

- ¹ Início atípico, uma vez que o 2º semestre letivo na UFMG normalmente se dá em agosto.
- ² Em 15 de novembro do mesmo ano, o candidato mencionado foi vencedor da eleição em Belo Horizonte.
- ³ Nos textos preparados, são dignos de nota, também, outros dois defeitos de redação: no C, a hipercorreção na regência: "... o motivo principal para que eu esteja aqui..."; no D, a ordenação da subordinada adverbial temporal (o que normalmente é entendido como recurso de livre escolha ao alcance do falante) confere um sentido estranho à frase: "Quando me formar em Letras, não pretendo lecionar." A ordem direta, nesse caso, é que garantiria o sentido lógico que se pretende veicular: "não pretendo lecionar quando me formar".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA Jr., J.M. *Manual de expressão oral e escrita*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1972. v. 3, p. 28-29.
- DAVIS, Flora. *A comunicação não-verbal*. Trad. Antônio Dimas. São Paulo: Summus, 1979. p. 38.
- FLETCHER, Leon. *Como falar como um profissional*. Trad. Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 19-20.
- LIRA, Aparecida. Falar em público pode ser uma tortura. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 21 de julho de 1991. Cidades/comportamento, p. 36.5.
- SUCUPIRA FILHO, Eduardo. *A arte de falar e escrever para o público*. 2ª ed. aum. São Paulo: o Livreiro, [s. d.].